

Felippe Figueiredo Lattanzio

# O lugar do gênero na psicanálise

*Metapsicologia, identidade, novas formas  
de subjetivação*



**Blucher**

# O LUGAR DO GÊNERO NA PSICANÁLISE

*Metapsicologia, identidade, novas  
formas de subjetivação*

Felippe Figueiredo Lattanzio

*O lugar do gênero na psicanálise: metapsicologia, identidade, novas formas de subjetivação*

© 2021 Felipe Figueiredo Lattanzio

Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coordenador da série Flávio Ferraz

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Bonie Santos

Preparação de texto Maurício Katayama

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Bárbara Waida

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa Juliane Assis

---

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

[contato@blucher.com.br](mailto:contato@blucher.com.br)

[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

*Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação  
na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Lattanzio, Felipe Figueiredo

O lugar do gênero na psicanálise : metapsicologia, identidade, novas formas de subjetivação / Felipe Figueiredo Lattanzio. – São Paulo : Blucher, 2021.

318 p. (Psicanálise Contemporânea / coordenação de Flávio Carvalho Ferraz)

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-304-2 (impresso)

ISBN 978-65-5506-300-4 (e-book)

1. Psicanálise. 2. Identidade de gênero. 3. Transsexualidade. 4. Metapsicologia. I. Título. II. Ferraz, Flávio Carvalho. III. Série.

21-0296

CDD 150.195

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

# Conteúdo

Prefácio	11
Apresentação	17
Introdução	19
1. Gênero e psicanálise	27
O nascimento do conceito	28
Existiu uma teoria do gênero em Freud?	28
John Money e a criação do gênero	37
Simbiose e des-identificação em relação à mãe: Greenson e o início de uma inversão	41
Stoller e a inversão concretizada: gênero, <i>imprinting</i> e transexualismo	46
A primazia do masculino ultrapassada: identificação feminina primária e origens femininas da sexualidade	54
A teoria da sedução generalizada como base	56
Identificação feminina primária e identificação passiva: a contribuição de Paulo de Carvalho Ribeiro	63
Jacques André e as origens femininas da sexualidade	78

Gênero, sexo, diferença anatômica: primeira circunscrição conceitual	90
2. Feminilidade, passividade, masoquismo: novos fundamentos	97
Positivação do feminino: feminilidade ferida <i>versus</i> feminilidade oficial	105
Nietzsche, Deleuze e a teoria das forças: por uma refundação das noções de passividade e masoquismo	114
A metafísica da substância e o problema do essencialismo: diálogos com a teoria feminista	123
A vagina como local de penetração... mas não o único	131
Sobre paradoxos e tensões: entre essencialismo e construcionismo	136
A diferença anatômica como enigma fundamental	140
O problema do binarismo que governa o sistema sexo-gênero e as possibilidades de transgressão	147
A relação entre feminilidade, passividade e masoquismo como um fundamento contingente	156
3. O conceito de gênero e suas articulações metapsicológicas	159
Gênero e conflito psíquico	160
Ponto de partida: a situação antropológica fundamental	160
O recalque originário e a natureza do inconsciente segundo Jean Laplanche	162
O recalque originário como sexuado (ou: o gênero como conceito fundamental da psicanálise)	175
O polo recalcado é a feminilidade radical	185
O polo recalcante/defensivo é a lógica fálica (ou: refundação de um marco teórico sobre uma base não transcendental)	191
As falácias do faló	197
Construções identificatórias da masculinidade e da feminilidade	203
Identidade de gênero e primazia da alteridade	203

Paradoxo da posição masculina: é mais difícil ser homem?	208
A estereotipia das identificações masculinas	217
Potencial clínico da paternidade para o trabalho com as construções defensivas das identidades masculinas	233
A dupla face das identificações femininas	241
Devir-mulher e novas formas de subjetivação	245
A morte do homem e as novas formas de subjetivação	245
A passividade e a oficialidade como metáforas de abertura na construção de novas subjetividades	251
A feminilidade como virtualidade emancipadora	253
Devir-mulher: a abertura para a alteridade	254
4. A psicanálise e o desafio das subjetividades que contrariam a norma fálica: o exemplo das transexualidades	261
Breve história das transexualidades	264
Transexualidade: definição, dados clínicos e estatísticos	268
A controvertida associação entre transexualidade e psicose como expressão de um Simbólico transcendente	272
A falácia da naturalização, o “erro comum” e o performativo	280
A feminilidade originária, a refundação do Simbólico e uma hipótese explicativa sobre a transexualidade feminina	284
Considerações finais	295
Referências	297

# 1. Gênero e psicanálise

Neste capítulo percorrerei alguns teóricos da psicanálise que contribuíram para o desenvolvimento do conceito de gênero. Tarefa impossível seria a de aqui contemplar todos aqueles que se ocuparam das relações entre o masculino e o feminino, da partilha entre os sexos ou mesmo das diferenças no desenvolvimento de homens e mulheres. Dessa forma, escolhemos focar a gênese e o desenvolvimento dos autores que explicitamente usam o conceito de “gênero”.<sup>1</sup> Obviamente, ainda assim haverá um recorte: serão privilegiados aqueles cujos retalhos teóricos nos serão úteis para desenvolver nossa própria concepção e apresentar então uma proposta de conceituar o gênero metapsicologicamente, dando-lhe sua devida centralidade na vida psíquica. Não se trata de simplesmente excluir aquilo que contraria nossas ideias, mas, antes, de dar a estas uma forma coesa para então confrontá-las com outros e ver nossas forças e fraquezas (tarefa esta que faremos ainda neste livro). Não

---

1 Isso contempla tanto autores cuja preocupação principal é a identidade de gênero quanto autores que se detêm majoritariamente nas relações entre o gênero, o inconsciente e o recalque.

obstante, é certo que, apesar das necessárias escolhas, haverá uma coerência histórica e, principalmente, teórica: a primazia do outro na constituição do psiquismo será nosso norte para o trânsito entre diferentes autores.

Cabem ainda duas advertências: o propósito desse apanhado é apresentar determinadas formulações, objetivando esclarecer conceitos para usá-los nos capítulos posteriores. Portanto, os autores ora apresentados não serão confrontados exaustivamente ou mesmo, como diria Laplanche, feitos trabalhar. Neste capítulo, pois, a única intenção é traçar um panorama conceitual para situar o leitor e, ao mesmo tempo, preparar o terreno para os aprofundamentos dos capítulos posteriores – estes sim, espero, farão trabalhar os autores e as concepções teóricas aqui abordadas. A outra advertência diz respeito às terminologias, principalmente aos termos *sexo* e *gênero*, que têm tantas concepções quantos são os autores que deles se ocupam. Esperarei o final do capítulo, após as sucessivas reviravoltas que tais conceitos sofrerão de autor para autor, para, enfim, apresentar sucintamente o que entendo por cada um deles, acrescentando ainda o vocábulo *diferença anatômica* e diferenciando-o do que chamamos de *sexo*. Digo “sucintamente”, pois a definição completa e complexa desses termos é o que esperamos fazer ao longo deste livro. Peço a compreensão do leitor, portanto, para tolerar por ora a instabilidade desses conceitos. Feitas as ressalvas, passemos ao que aqui interessa.

## *O nascimento do conceito*

### **Existiu uma teoria do gênero em Freud?**

É certo que o próprio Freud nunca chegou a usar o termo gênero e, inclusive, como aponta Laplanche (2003), a língua alemã não



permitia que ele o fizesse, dado que a palavra *Geschlecht* significa, ao mesmo tempo, “sexo” e “gênero” (p. 76). Em alguns poucos momentos, no entanto, podemos inferir, de acordo com Laplanche, que Freud usou o termo *Geschlecht* referindo-se a gênero. É o caso, por exemplo, da hipótese feita por Freud (1908/1996)<sup>2</sup> de um visitante de outro planeta que, ao chegar à Terra, imediatamente constataria a existência de dois “sexos” (p. 193). Para Laplanche, é evidente que, nesse caso, a melhor tradução seria “gêneros”, pois o que impressionaria o visitante seriam os hábitos diferenciados dos homens e mulheres, e não seus órgãos genitais. Freud também escreveu o seguinte em sua conferência intitulada “Feminilidade”: “Quando encontram um ser humano, a primeira distinção que fazem é ‘homem ou mulher?’” (Freud, 1932/1996, p. 114). Apesar disso, “em Freud, frequentemente, este questionamento é esquecido. Quero dizer que a categoria de gênero é frequentemente ausente ou impensada” (Laplanche, 2003, p. 77, tradução minha). Ademais, como aponta Maria Teresa San Miguel (2004):

*A aproximação freudiana acerca da origem da diferença entre os sexos e da construção da masculinidade/feminilidade nos seres humanos tem sido objeto de controvérsia na psicanálise ao longo do século XX, mais precisamente a partir dos anos 1920, nos quais Freud (1923) teoriza a fase fálica e sua preeminência para a compreensão da identidade sexual de meninos e meninas. No entanto, uma das dificuldades que Freud nos deixa é a de ter tomado o sexo biológico como funda-*

2 A nossa edição de referência é a *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Rio de Janeiro: Imago, 1996). Para a localização de cada texto dentro das obras completas, consultar as referências bibliográficas ao final deste livro.

*mento para a identidade masculina ou feminina. (tradução minha)*

Para Freud, então, poderíamos dizer que a existência de dois gêneros ou sexos e as diferenças psicológicas entre os indivíduos pertencentes a cada um deles se explicam a partir do recurso ao biológico e ao anatômico: o desenvolvimento pré-fálico seria essencialmente congruente para ambos os sexos, mas tudo mudaria no momento em que a criança deparasse com a descoberta da diferença anatômica, que seria necessariamente percebida em termos de fálico e castrado, ou seja, o menino deteria um pênis e a menina não. A partir dessa constatação, toda uma vicissitude desenvolvimental diferenciada estaria já trilhada para cada sexo (Freud, 1923a/1996).

Um raciocínio falacioso nos levaria a crer que Freud, então, pauta-se inadvertidamente pela biologia como ponto de partida das diferenciações entre o masculino e o feminino e, como a anatomia a ela relacionada é algo certo e imutável, críticas ao autor só poderiam ser feitas num sentido de questionar o seu paradigma (qual seja: tomar o orgânico como referência primeira), mas jamais num sentido de perceber as nuances e contradições de algo tão certo como o é o biológico. É nesse ponto que o raciocínio se torna enganoso, pois, para Freud, os dois sexos em verdade se resumem a apenas um, que se apresenta na positividade do pênis ou se escamoteia na negatividade daquilo que na mulher não tem nome.<sup>3</sup> Em outras palavras, a constatação freudiana de que os seres humanos percebem apenas a existência de um sexo – o masculino –, que pode estar presente ou ausente, longe de ser um fato

3 “[A organização genital infantil] consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*” (Freud, 1923a/1996, p. 158, grifo do autor).

biológico, é algo que se situa absolutamente no nível da interpretação feita por Freud de um dado anatômico e, portanto, dá lugar a várias controvérsias nos debates teóricos que se fizeram a partir de então, já que toda interpretação não se faz naturalmente, e sim a partir de um esquema de mundo prévio, mesmo que travestido de natural:

*O valor atribuído ao pênis por Freud contrasta com o caráter revolucionário de seu pensamento sobre a sexualidade humana. Toda a novidade da descoberta de uma sexualidade não natural, infantil, radicalmente diferente dos instintos animais e indisciplinada no que tange à adequação do desejo sexual ao sexo anatômico, toda essa revolução convive com uma valorização do pênis, que é afirmada, sem nenhum constrangimento, como algo inteiramente natural: “ter o pênis é melhor do que não tê-lo”. (Ribeiro, 1997a, p. 127)*

A mais famosa dessas controvérsias oriundas de tal postura freudiana é o embate decorrente das críticas que Karen Horney (1971) e Ernest Jones (1927/1969, 1932/1969, 1935/1969) formularam a ele, propondo que a feminilidade, em vez de ser uma masculinidade frustrada, seria uma entidade autônoma que, como a própria masculinidade, derivaria de predisposições inatas. Tais asserções de Horney e Jones possuem o mérito de postular a descoberta precoce da vagina por parte das crianças e o demérito de teorizar a aquisição da identidade sexual como se esta fosse isenta de conflitos e apoiada no biológico.

No próprio Freud, a identidade sexual aparece como algo muito linear, especialmente para os meninos, que desde sempre se identificam com o pai (lembremos do recurso ao pai da pré-história

peçoal), e em um grau menor até mesmo para as meninas, que, para ascender à feminilidade dita normal, apenas têm de aceitar sua condição de castradas: no final, tudo acontece como decorrência da diferença anatômica, já que, para Freud, o que chamamos hoje de gênero é sempre ordenado pelo sexo anatômico. Como já vimos, uma anatomia imaginária, sendo talvez mesmo um resquício das teorias sexuais infantis dentro da própria psicanálise. Não podemos, no entanto, dizer que a teoria freudiana da aquisição da masculinidade e da feminilidade é isenta de conflitos, como atestam as noções de ansiedade de castração e inveja do pênis. No caso das meninas o caminho para ascender à feminilidade, mesmo que já preestabelecido pela ausência do falo, é mais tortuoso, pois há de se levar a cabo uma tripla mudança: do *investimento objetal* da mãe para o pai, da *identificação primária* com o pai rumo à mãe e seus atributos femininos e da *zona erógena*, já que o clitóris (visto até então pela menina como um correlato diminuto do pênis, determinando assim sua masculinidade original) deve ceder lugar à vagina, concomitantemente à aceitação da posição de castrada, na melhor das hipóteses.<sup>4</sup> Assim, a mulher estaria pronta para receber um filho, que será visto como o falo que nunca lhe fora dado.

Detenhamo-nos um momento sobre a comparação entre o clitóris e o pênis na referida teoria freudiana: o primeiro passo das meninas na fase fálica, segundo Freud, seria a

*momentosa descoberta que . . . estão destinadas a fazer. Elas notam o pênis de um irmão ou companheiro de brinquedo, notavelmente visível e de grandes propor-*

4 Ao lado dessa saída, que Freud denomina “feminilidade normal”, existem outras duas linhas: “uma conduz à inibição sexual ou à neurose, outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade” (Freud, 1932/1996, p. 126).

*ções, e imediatamente o identificam como o correspondente superior de seu próprio órgão pequeno e imperceptível. (Freud, 1925/1996, p. 280)*

Como observado ironicamente por Ribeiro (1997a, p. 125), a despeito da “minúcia exploratória requerida na aquisição de um tal conhecimento do clitóris impúbere”, pequeno e imperceptível, a vagina permanecerá adormecida e somente será descoberta na puberdade. Uma última consequência, enfim, da autopercepção das meninas como castradas estaria na formação de seu superego: por já serem castradas e não terem nada a perder, seu superego não será plenamente formado, nunca será tão “inexorável” como o dos homens, o que explicaria “o menor senso de justiça” das mulheres (Freud, 1925/1996, p. 286). Mais uma vez, fica clara a confusão de Freud entre as teorias sexuais infantis (que podem mesmo existir no sentido em que ele as descreve, mas que certamente contêm, como toda teoria infantil, um componente defensivo contra algo que escapou completamente a Freud),<sup>5</sup> o tipo de sociedade de sua época (sim, muitas mulheres de então provavelmente tinham na maternidade a única opção de autorrealização, por exemplo) e a teoria psicanalítica. No entanto, se a moral de seu tempo não impediu Freud de escandalizar a todos ao mostrar a sexualidade infantil ou o inconsciente, o fato de pertencer à burguesia do século

---

5 Decerto, muitas meninas podem ter inveja do pênis, bem como muitos meninos podem enxergar as meninas como castradas e inferiores. No entanto, o componente defensivo de tais teorias infantis fica bastante claro ao lermos, por exemplo, as descrições do próprio Freud do sentimento dos meninos com relação às mulheres: “horror da criatura mutilada ou desprezo triunfante por ela” (Freud, 1925/1996, p. 281). Tais afetos tão exacerbados não decorreriam da necessidade de recalcar algo mais anterior e mais atacante no sentido pulsional? Talvez o próprio Freud tenha defendido sua teoria contra essas evidências e o que elas acarretariam. Mais à frente veremos as hipóteses de Robert Stoller, Jacques André e Paulo de Carvalho Ribeiro sobre isso.

XIX não basta para que o poupemos de críticas. Em verdade, penso que um ponto de vista crítico mais interessante é perceber na própria teorização de Freud sobre o inconsciente os efeitos deste: a obra, assim, deve ser escutada além de lida e, nesse processo, não podemos ser indiferentes também às próprias dificuldades de Freud na condução de sua autoanálise, ao deparar com um outro olhar sobre a sexualidade feminina. Seriam tais confusões, contradições e impasses freudianos inteligíveis se pensássemos numa espécie de protesto masculino do fundador da psicanálise, protesto este que transparece nas linhas e entrelinhas de seu próprio texto (cf. Ribeiro, 1997b, p. 49)?

Masculinidade e feminilidade, fálico e castrado. Há ainda que se considerar brevemente um terceiro par de opostos que na teoria freudiana se articula a esses, a saber: atividade e passividade. Mesmo que Freud tenha mostrado algumas vezes resistência em associar a passividade ao feminino e a atividade ao masculino, ele nunca “deixou de considerar que as chamadas ‘metas ativas’ ou ‘metas passivas’ da pulsão sexual eram a base das características psicológicas próprias da masculinidade e da feminilidade, respectivamente” (San Miguel, 2004, tradução minha). De qualquer forma, para Freud, é “o comportamento do homem e da mulher, no coito, [que] constitui o modelo para a concepção do par ativo/passivo” (Landim, 1970, p. 171, tradução minha). Na famosa carta 52, por exemplo, Freud escreve a Fliess que a substância masculina (da teoria da bissexualidade constitucional por ele adotada) estaria ligada ao prazer e à perversão, enquanto a feminina estaria ligada ao desprazer e às neuroses de defesa (Freud, 1896c/1996, p. 286). O problema fundamental, em meu ponto de vista, é a associação entre os pares ativo-passivo e fálico-castrado, pois ela cria assim a figura da passividade castrada, ressentida (Freud, 1924/1996). Associar o feminino com o passivo já é uma grande polêmica, principalmente se a associação se pauta num critério totalmente

arbitrário e subjetivo como o é definir durante um coito entre um homem e uma mulher quem é o ativo e quem é o passivo.<sup>6</sup> No entanto, dar uma conotação de castrada e ferida à passividade ainda piora a situação, impedindo de pensar a verdadeira natureza do passivo, que, para dizê-lo ironicamente, pode não ser tão ruim como se costuma propagar. Vide, nesse sentido, as formulações de Jacques André (1996, pp. 108-114) ao criticar o masoquismo feminino descrito por Freud em “O problema econômico do masoquismo” (1924/1996). Para André, tal masoquismo se insere completamente na lógica fálica, e a mulher aí descrita seria aquela que aceita a submissão e a posição de inferioridade. Disso decorre uma visão sobre a feminilidade que André chama de “feminilidade ferida”, à qual se contraporía uma “feminilidade orifical”. Mais à frente discutiremos mais detidamente as ideias de Jacques André.

Apesar de tudo isso, em vários momentos Freud dá indícios de que outras teorias do masculino e do feminino são possíveis, mesmo que não estejam sistematizadas em seu pensamento. Darei apenas exemplos dessas aparições no texto freudiano, o primeiro advindo de outra carta a Fliess: “Pode-se suspeitar que o elemento essencialmente recalcado é sempre o que é feminino” (Freud, 1897/1996, p. 300). Aqui é aberta uma via para se associar a feminilidade ao recalçamento, via que não foi explorada então por Freud. Além disso, em um de seus últimos textos, “Análise terminável e interminável” (1937/1996), Freud volta a associar o recalcado com a passividade, ao dizer que o desconforto com a atitude passiva de um homem diante de outro nunca poderá ser superado pela análise. Ademais, Freud nunca escondeu sua própria insatisfação com suas teorizações sobre a feminilidade, como bem atestam as metáforas por ele utilizadas para nomeá-la: “continente

---

6 Para uma discussão aprofundada sobre essa problemática associação entre feminilidade e passividade, remeto o leitor ao próximo capítulo.

obsuro”, “terra incógnita” – metáforas que, aliás, também são imensamente frutíferas nesse ousado sentido de analisar as duplicações do inconsciente freudiano em seu próprio texto, algo que também veremos mais à frente. Mesmo em relação à questão da atividade e da passividade, algumas contradições coexistem com relação à teoria que apresentamos anteriormente. Na conferência sobre a feminilidade, Freud (1932/1996) diz que “fazer coincidir ‘ativo’ com ‘masculino’ e ‘passivo’ com ‘feminino’ . . . não serve a nenhum propósito útil” (p. 116).

As diferenças entre a masculinidade e a feminilidade em Freud, portanto, vacilam entre formulações precisas, mas arbitrárias, e confissões de humildade, deixando também espaço para a irrupção de esparsas ideias interessantes que, no entanto, não ganharam formulações elaboradas. Enfim, são muitos os autores que já se ocuparam em fazer uma leitura minuciosa da obra freudiana no que concerne à masculinidade e à feminilidade, em vários níveis críticos e interpretativos, aos quais remeto o leitor.<sup>7</sup> A intenção por ora foi fazer um breve comentário sobre algumas posições de Freud, de forma a mostrar como o caminho para a teorização do gênero estava aberto dentro da teoria psicanalítica. E não apenas nela, pois nenhuma teoria geral da personalidade se interessara até então pelas origens daquilo que hoje chamamos de gênero (Person & Ovesey, 1999). Vejamos, então, como tal conceito nasceu e se desenvolveu.

---

7 Por exemplo: André (1996); San Miguel (2004); Ribeiro (2000); Landim (1970), entre vários outros.



## John Money e a criação do gênero<sup>8</sup>

Na década de 1950, John Money, psicólogo e sexólogo norte-americano, foi o primeiro teórico a utilizar o termo gênero no sentido de relacioná-lo às diferenças entre o sexo anatômico e o que ele considerava uma espécie de sexo psicológico. Antes disso, existiam evidentemente os termos gênero linguístico, gênero textual, gênero biológico, entre outros, todos tendo em comum o fato de se relacionarem a algum tipo de classificação. A apropriação do termo *gender*, todavia, de forma a estabelecer todo um novo campo de estudos e dar respaldo científico a teorias esparsas que, por exemplo, combatiam a naturalização das desigualdades entre homens e mulheres, foi mérito de Money. Cabe lembrar, no entanto, que a percepção de que o sexo anatômico não é o elemento definidor do que chamamos de masculinidade e feminilidade é algo que antecede muito a Money. Nesse sentido, para se ter uma ideia, a precursora do chamado feminismo político, Mary Wollstonecraft, já denunciava em 1792, em seu livro *A Vindication of the Rights of Woman*, que as diferenças intelectuais e de papel social entre homens e mulheres resultavam da educação diferenciada dispensada a cada uma dessas classes, contrariando as teorias de sua época de que tal desigualdade era resultado de fatores biológicos ou mesmo de desígnios de Deus (Wollstonecraft, 1792/1998). De todo modo, é fato que Money conseguiu, ao forjar o conceito de gênero, catalisar e formalizar tal anseio histórico que se intensificava em sua época com o crescimento de estudos e movimentos cujas temáticas

---

8 Uma versão modificada deste e dos próximos dois itens foi originalmente publicada na revista *Psicologia Clínica* (ISSN 0103-5665) e a sua republicação aqui foi devidamente autorizada. A versão original do manuscrito pode ser encontrada como: Lattanzio, F. F., & Ribeiro, P. de C. (2018). Nascimento e primeiros desenvolvimentos do conceito de gênero. *Psicologia Clínica*, 30(3), 409-425.

principais se relacionavam à identidade sexual, seja de um ponto de vista mais psicológico ou mais político.

A primeira aparição numa publicação do conceito de gênero data de 1955, num texto de Money sobre o hermafroditismo (Money, 1955). Para ele, a pertinência psicológica de se estudar o hermafroditismo situa-se no fato de que essa condição possibilita a descoberta de enormes evidências a respeito do desenvolvimento da orientação sexual dos humanos em geral. É a mesma justificativa dada por Stoller, anos mais tarde, ao chamar o transexualismo de experimento natural (Stoller, 1975), ou mesmo de Freud ao teorizar o psiquismo dito “normal” a partir de suas experiências com o patológico. O hermafroditismo seria, então, um experimento natural no qual diversas formas de ambiguidade sexual biológica possibilitariam uma oportunidade de medir quais fatores teriam mais influência na formação do papel de gênero (*gender role*) desses indivíduos: o sexo cromossômico, gonadal, hormonal ou o sexo designado pelos cuidadores na criação da criança. O principal resultado desse estudo conduzido por Money (1955) se deu ao analisar os casos de contradição entre os sexos gonadal e hormonal em relação ao sexo de criação:

*Das 17 pessoas representadas na tabela II [casos em que havia tal contradição], todas menos 3 se discriminam no papel de gênero totalmente em concordância com a sua criação, mesmo que contradito por suas gônadas. A estrutura gonadal por si nos dá um prognóstico menos fidedigno do papel de gênero de uma pessoa e sua orientação como homem ou mulher; o sexo designado nos dá um prognóstico extremamente fidedigno. (p. 254, tradução minha)*

Dessa forma, o gênero torna-se um conceito que não necessariamente se vincula ao sexo biológico, tendo uma maior relação com as experiências de sociabilidade e criação de uma pessoa que com sua estrutura inata. A importância dada por Money a esta última é apenas indireta: o funcionamento hormonal desempenha o papel principal na diferenciação sexual embrionária do aparelho reprodutivo interno e das genitálias externas, e estas são um signo a partir do qual os pais e outros conseguem formular o modo como designar o gênero do bebê neonato (Money, 1955). Ao longo dos primeiros anos, a criança se servirá de uma gama de signos – alguns dos quais podem ser considerados hereditários ou constitucionais, outros do ambiente – para construir seu papel de gênero. Tais signos, pois, precisam ser decifrados e interpretados, e somente então começará a delinear-se o papel de gênero (Money, Hampson & Hampson, 1957), desenvolvimento este que, no entanto, se faria muito precocemente.<sup>9</sup>

Em artigo escrito um mês mais tarde em colaboração com dois endocrinologistas (Money, Hampson & Hampson, 1955), destinado a discutir o manejo psicológico relativo à designação precoce de gênero a hermafroditas, bem como à mudança de gênero tardia, Money esclarece a sua concepção do que seria o papel de gênero:

*Pelo termo papel de gênero, nós queremos dizer todas aquelas coisas que uma pessoa diz ou faz para se mostrar como tendo o status de menino ou homem, menina ou mulher, respectivamente. Isso inclui, mas*

9 Apesar de nossa preocupação, neste trabalho, não ser estabelecer idades ou nos atrelar a um ponto de vista desenvolvimentista em psicanálise, pensamos ser interessante relatar que Money considerava que a identidade de gênero se estabelecia de maneira mais ou menos fixa aos dezoito meses e, aos dois anos e meio, já era irreversível. A maioria dos autores posteriores também concorda com a precocidade desse desenvolvimento.

*não se restringe à sexualidade no sentido de erotismo. Um papel de gênero não é estabelecido no nascimento, mas é construído cumulativamente por meio de experiências defrontadas e negociadas – por meio de aprendizagens casuais e não planejadas, de instruções explícitas e inculcações, e de, espontaneamente, colocar juntos dois e dois para formar às vezes quatro e às vezes, erroneamente, cinco. Resumindo, um papel de gênero é estabelecido de maneira muito similar a uma língua nativa. (Money, Hampson & Hampson, 1955, p. 285, tradução minha)*

Assim, Money postula que o fator mais decisivo para a formação da identidade masculina ou feminina da criança é a designação do gênero. Em texto posterior, Money, novamente em colaboração com os Hampson (cf. Money, Hampson & Hampson, 1957), tenta relacionar o estabelecimento do gênero com o conceito de *imprinting*, tomado de empréstimo do etólogo Konrad Lorenz, na tentativa de explicar como uma função psicológica estabelecida após o nascimento pode se tornar impossível de ser erradicada. Para tal, ele descreve os resultados obtidos por Lorenz como meio de comparação: ao contrário dos famosos gansos Greylag que aceitavam inquestionavelmente o primeiro ser vivo que viam como sendo sua mãe, os patos da espécie Mallard, após nascerem, ficavam em pânico até ouvir o grasnido usualmente feito pelas mães patas. Somente após Lorenz despender meio dia imitando continuamente e de cócoras o grasnido de uma pata é que os filhotes o reconheceram como sua mãe, e daí em diante tal relação tornou-se estabelecida e irreversível: os patos passaram a seguir Lorenz em excursões locais e, ao ouvir a imitação de grasnido feita por ele, eles vinham voando em qualquer época de suas vidas. É com essa espécie que

Money compara o estabelecimento do gênero em seres humanos, dado que nas teorias psicológicas não havia muitos precedentes disponíveis para se tentar explicar como uma função não biológica se estabelece após o nascimento de forma tão irreversível. Decerto, foi apenas o esboço de um conceito (sem levar em conta as diferenças neurológicas e mesmo instintuais entre os seres humanos e os patos, tampouco desenvolvendo o raciocínio para além de uma simples comparação), que seria novamente trabalhado por Stoller anos depois. Com relação à nomenclatura, houve tentativas de traduzir o termo por “cunhagem” ou “estampagem”, mas aqui manterei o inglês *imprinting*, já que este dá uma noção melhor de algo que se estabelece do exterior sem participação voluntária por parte das crianças cujo gênero é, assim, formado. No entanto, na época em que Money desenvolvia sua teoria, tais processos ainda não haviam sido relacionados com a identificação, como reconhece o próprio Money, quase duas décadas depois (cf. Money, 1973), ao relatar a posterior confusão entre os termos “papel de gênero” e “identidade de gênero”. Somente dez anos mais tarde, em 1966, Ralph Greenson começaria a explorar a vinculação da autodesignação e da formação do gênero com os processos identificatórios, como veremos a seguir.

### **Simbiose e des-identificação em relação à mãe: Greenson e o início de uma inversão**

A partir do tratamento de Lance, um menino de cinco anos com “problemas de identidade de gênero”,<sup>10</sup> Ralph Greenson, psicana-

---

10 Tal tratamento demanda uma discussão aprofundada e crítica sobre a patologização das identidades trans, que será feita no último capítulo do livro. No entanto, considero importante me posicionar desde já, em especial no atual momento político brasileiro, afirmando que acredito serem extremamente

lista e pesquisador da Universidade da Califórnia, começou a delinear sua noção de des-identificação como um passo crucial para o estabelecimento da identidade de gênero (Greenson, 1966). Com a idade de um ano e alguns meses, Lance começou a apresentar uma compulsão por usar as roupas de sua mãe e de sua irmã. Como é habitual nesses casos, sua mãe somente procurou aconselhamento especializado e tratamento após o alerta dado por um terceiro, neste caso, por um vizinho. Na escola, Lance só brincava com meninas e tentava também sempre vestir roupas femininas. Greenson, então, atendeu o garoto por catorze meses, numa frequência de quatro vezes por semana. O tratamento pode ser resumido da seguinte forma: Greenson se ofereceu ao menino como uma espécie de pai substituto, ou seja, um modelo masculino de identificação. As sessões ocorriam na casa de Greenson, e Lance convivia com sua família, nadava na piscina com Greenson, tendo chegado a levar uma colega de escola para conhecer e brincar na “casa deles”. Logo nos primeiros encontros, Greenson (1966) observou uma “ânsia por identificação e imitação” (p. 397, tradução minha) por parte de Lance. Ao longo do tratamento, Lance foi

---

danosas quaisquer tentativas de tratamento reversivo de uma identidade sexual, sendo antes o lugar da psicologia e da psicanálise trabalhar para que os sujeitos possam integrar tais identidades de forma mais saudável ao seu Eu, problematizando os preconceitos sociais e a normatividade excludente do sistema sexo-gênero. O caso de Lance, podemos pensar, tem alto valor histórico, embasou importantes e válidas produções teóricas por parte de Greenson e, por isso, não pode ser desconsiderado. Utilizando uma metáfora cara a Silvia Bleichmar: não podemos jogar fora o bebê junto com a água do banho. Ademais, se considerarmos a identificação maciça com a mãe uma etapa do desenvolvimento humano que precisa ser em algum grau superada para a formação minimamente autônoma de uma identidade (tanto em meninos quanto em meninas), o tratamento de Lance ainda guarda certos caracteres positivos. Cabe aqui, enfim, ressaltar que também John Money foi bastante criticado por suas práticas de adequação sexual precoce com bebês hermafroditas, das quais também discordo.

pouco a pouco substituindo os laços de identificação que o ligavam à mãe e à feminilidade pelos laços criados com Greenson. Ao mesmo tempo, uma convivência mais intensa com seu pai foi sendo criada. Como exemplo desse processo, podemos destacar o fato de que, inicialmente, Lance somente brincava com uma boneca Barbie, se identificando com ela nas brincadeiras e chamando-a de “eu”. Algum tempo depois, ele passa a chamar a boneca de “ela” e, rapidamente, passa a brincar com o boneco Ken (namorado da Barbie). A última descrição do caso, nesse sentido, é de Lance orgulhosamente usando botas de *cowboy* como as de Greenson. Todo esse processo vem corroborar o ponto de vista de Greenson (1966) segundo o qual “o travestismo pode ser mais bem entendido nessa criança se nós olharmos as roupas como representando a pele da mãe” (p. 402, tradução minha).

Tal atendimento incomum (como o próprio Greenson reconhece, ao dizer que esta havia sido a primeira vez que ele atendera uma criança e confessar “não ter certeza” se os psicanalistas infantis concordariam com seus métodos) fez com que Greenson (1966) começasse a formular sua principal hipótese:

*Parece-me que, da mesma forma que a menina tem um especial problema em estabelecer relações objetais por ter de trocar o gênero de seu objeto de amor, também o menino tem um problema especial ao construir uma identidade de gênero por ter de trocar o objeto original de sua identificação. (p. 402, tradução minha)*

Para Lance, assim como para toda criança nos primórdios do estabelecimento do Eu, “amar era equacionado com *se tornar*” (Greenson, 1966, p. 402, tradução e grifo meus). Para Greenson, portanto, a distinção entre amar e se identificar com alguém só é

adquirida tardiamente no desenvolvimento.<sup>11</sup> Penso que um episódio do tratamento de Lance ilustra muito bem essa ideia: após vestirem a Barbie de princesa, Greenson fala à boneca: “Oh, você é tão bonita, princesa, eu quero dançar com você. Eu gosto de você. Eu quero te beijar”. Lance então responde, de modo hesitante: “Ah, você quer ser a princesa? Vai em frente, você pode ser ela...” (Greenson, 1966, p. 400, tradução minha). Greenson insiste que não quer *ser* a princesa, mas dançar com ela, pois ele gosta dela. O garoto, novamente, diz que Greenson pode, sim, ser a princesa. Somente após uma terceira tentativa é que Lance permite que Greenson dance com a boneca.

Em comunicação feita no 25º Congresso Psicanalítico Internacional, no ano de 1967, Greenson (1967/1998) deixa clara sua discordância com relação à teoria psicanalítica clássica, formulando então sua hipótese, agora de forma consistente:

*O objetivo desta apresentação é focalizar uma vicissitude especial no desenvolvimento psicológico normal do menino, que ocorre nos anos pré-edípianos. Refiro-me ao fato de que o menino, para chegar a um sentimento saudável de virilidade, deve substituir o objeto primário de identificação, a mãe, e se identificar com o pai. Acredito que as dificuldades inerentes a esta etapa adicional de desenvolvimento, da qual as meninas estão livres, são responsáveis por certos problemas de identidade de gênero no homem, na sua noção de pertencer ao sexo masculino. A menina também precisa se des-*

---

11 Tal formulação se opõe às de Freud, para quem os meninos logo ao nascer já têm a mãe como objeto de amor e o pai como objeto de identificação, mesmo que para corroborar tal teoria seja preciso recorrer à enigmática noção de identificação com o pai da pré-história pessoal (cf. Freud, 1921/1996).



*-identificar da mãe para desenvolver uma identidade feminina própria, mas sua identificação com a mãe a ajuda a estabelecer sua feminilidade. Minha opinião é de que os homens sejam muito mais inseguros sobre sua masculinidade do que as mulheres sobre sua feminilidade. Acredito que a certeza das mulheres sobre sua identidade de gênero e a insegurança dos homens estejam enraizadas na identificação infantil com a mãe. (p. 263, grifo do original)*

Greenson fala de uma fusão simbiótica infantil com a mãe como etapa universal do desenvolvimento, e que o processo de des-identificação é fundamental para a capacidade de separação-indivuação descrita por Mahler. Dessa forma, pelo nome des-identificação ele se refere aos “complexos e inter-relacionados processos que ocorrem na luta da criança para liberar-se da fusão simbiótica infantil com a mãe” (Greenson, 1967/1998, p. 263). Essa inversão no objeto primário de identificação faz com que a ascensão à masculinidade seja mais tortuosa para os homens que o é a feminilidade para as mulheres. Em outra ocasião, Greenson (1967/1998) aponta como o temor da homossexualidade (que significaria, em última instância, o temor da perda da identidade de gênero) é mais forte nos homens.

Tais formulações de Greenson, além de serem dotadas de enorme simplicidade e honestidade intelectual advindas de um admirável “positivismo clínico”, abriram caminho para um novo rumo nas pesquisas psicanalíticas sobre os gêneros. É interessante notar como Greenson se pergunta, ao final de sua apresentação no referido congresso, qual seria o destino da antiga identificação com a mãe: ela desapareceria, substituída pela nova identificação? Tornar-se-ia latente? A identificação subsequente

do menino com o pai seria uma contraidentificação, um meio de compensar a antiga identificação? A precisão de tais questionamentos, pois, é tamanha que seriam necessárias quase três décadas para que hipóteses metapsicologicamente plausíveis fossem formuladas para respondê-los.<sup>12</sup>

### *Stoller e a inversão concretizada: gênero, imprinting e transexualismo*<sup>13</sup>

Robert Stoller, psicanalista norte-americano que trabalhava junto com Greenson em pesquisas de gênero na Universidade da Califórnia, tornou-se uma das principais referências nos estudos de gênero. A partir de seu contato com pacientes transexuais e suas famílias (cf. Stoller, 1966, 1968), Stoller articulou sua teoria ancorado nos conceitos de Greenson e Money. Dois eixos principais estruturam sua obra e nos dão ideia da dupla inversão teórica por ele concretizada: por um lado, ao retomar a noção de *imprinting*, Stoller chamou a atenção para o fato de que a identidade de gênero ocorre num movimento que se origina do exterior antes mesmo da existência de um Eu suficientemente formado capaz de desejar algo. Assim, um importante passo foi dado na teoria psicanalítica em direção a uma primazia da alteridade na constituição identitária. Em segundo lugar, Stoller deu corpo teórico à tese de Greenson, invertendo a noção freudiana de que a masculinidade é um destino mais fácil e mais desejado que a feminilidade. Ao falar da

12 Refiro-me aqui às teorias de Paulo de Carvalho Ribeiro e Jacques André.

13 Apesar de preferir a utilização do termo transexualidades, uma vez que não carrega um sufixo patologizante nem reduz ao singular as diferentes experiências trans, uso por enquanto a terminologia do autor citado, guardando a problematização sobre a patologização das transexualidades para a discussão a ser efetuada no quarto capítulo deste livro.

difícil conquista da masculinidade, Stoller desmonta a noção de uma primazia do masculino ou do falo, apontando na direção de uma primazia do feminino que se ancora na identificação precoce com a mãe (identificação que, no entanto, surge como resultado do *imprinting* materno). A mãe, aqui, ocupa lugar central, e é importante dar ênfase a isso para entender que Stoller não inverte simplesmente a tese freudiana de uma primazia fálica que, como vimos, se dá sem nenhuma explicação, como se fosse uma constatação natural e óbvia. A primazia da feminilidade em Stoller se ancora no fato de que são as mães que estabelecem as primeiras trocas com os bebês e é com elas que estes passam a maior parte de seus primeiros anos. Nesse sentido, toda a obra de Stoller é eminentemente a descrição de uma experiência, oriunda de sua extensão casuística e da sociedade em que viveu. Ademais, a primazia do feminino também decorre do fato de que o registro do desejo pode ser entendido como precedido, em sua obra, pelo registro da necessidade (cf. Ferraz, 2008): a necessidade do bebê de alimentação introduz em seu universo simbólico o seio; a necessidade de ser cuidado introduz a figura da mãe e seus atributos femininos.

Nos casos de transexuais femininas (ou seja, de transexualismo homem→mulher) por ele estudados, Stoller percebeu que a origem dessa condição era sempre muito precoce e se encontrava num tipo especial e raro de interação entre mãe e filho. Trata-se de uma simbiose que ocorre sobretudo num nível corporal, na qual a mãe impregna a criança de sua feminilidade antes mesmo de esta ter um Eu suficientemente formado. Tal feminilidade é recebida passivamente por esses meninos, “por via da excessiva imposição dos corpos demasiadamente ternos de suas mães” (Stoller, 1975, p. 54, tradução minha). O grande passo dado por Stoller foi perceber que tal processo, em verdade, ocorre também em crianças cujo destino não será o transexualismo nem a feminização; a diferença sendo apenas o grau com que a mãe impregna o filho com sua

feminilidade e sua capacidade de deixá-lo des-identificar-se dela. O transexualismo homem→mulher, dessa forma, seria a “chave que permite a compreensão do desenvolvimento da masculinidade e da feminilidade em todo ser humano” (Stoller, 1978, p. 207, tradução minha). A partir desse “experimento natural” em que o *imprinting* materno é máximo, abre-se a possibilidade do estudo de “processos que contribuem para o desenvolvimento da masculinidade e da feminilidade que estão ocultos e, portanto, não revelados nos indivíduos mais normais” (Stoller, 1982, p. 3). Os indivíduos biologicamente masculinos que vivem e se identificam como mulheres, então, seriam o extremo de um processo inicial presente em toda pessoa, seja homem ou mulher.<sup>14</sup> Detenhamo-nos um pouco, então, nesse mecanismo de transmissão da feminilidade à criança, chamado por Stoller de *imprinting*, para entendermos sua natureza e o desafio que ele propõe à teoria psicanalítica.

Stoller (1982) admite que, por muito tempo, ele presumiu que “o processo essencial pelo qual esses meninos desenvolviam a feminilidade fosse a identificação” (p. 55). No entanto, a identificação “requer estruturas psíquicas, ou mais acuradamente, o suficiente desenvolvimento da memória e da fantasia, para que a criança possa acreditar-se absorvendo (incorporando) sua mãe” (p. 55). As evidências clínicas, no entanto, mostraram que não ocorre qualquer tipo de processo intramotivado, e apontaram para a ocorrência precoce de *imprinting*. Em algumas ocasiões, Stoller admite não saber a palavra correta para designar a ausência de escolha presente nesses momentos inaugurais do psiquismo

---

14 Stoller considera que o transexualismo masculino (mulher→homem) difere completamente quanto à etiologia do transexualismo feminino. Enquanto este representa a extremidade de um processo humano universal que nos dá a chance de apreender uma fase desenvolvimental até então oculta, aquele se explicaria pelo “efeito de um traumatismo crônico e inconsciente” (Stoller, 1978, p. 207, tradução minha), cuja especificidade não permite uma generalização.

(por exemplo, Stoller, 1968), mas sempre enfatiza não se tratar de identificação. Os termos condicionamento, moldagem do sistema nervoso central e outros foram por ele usados para tentar explicar o processo que, no entanto, só fica claro a partir das inúmeras descrições e digressões apresentadas:

*As palavras “incorporação”, “introjeção” e “identificação” conotam uma atividade motivada, dirigida a um objeto que não é reconhecido como parte de si mesmo. Isso significa que deve haver uma psique (mente) suficientemente desenvolvida para apreender o objeto (parcial) e desejar alojá-lo no interior de si . . . Mas nossa teoria deve também reservar um lugar para outros mecanismos, não mentais (quer dizer, não motivado pelo indivíduo), graças aos quais a realidade externa possa também encontrar seu lugar no interior. (Stoller, 1978, p. 211, tradução minha)*

Fica clara, nesse fragmento, a dificuldade de dar uma formulação metapsicológica ao conceito. Penso que muitos desses problemas teóricos se resolveriam se Stoller dialogasse mais com a psicanálise francesa, que, após Lacan e, principalmente, Laplanche, conseguiu dar lugar teórico à primazia da alteridade. Para se ter uma ideia da consonância entre as ideias de Stoller e a direção apontada por Laplanche, vejamos um trecho de seu artigo intitulado “Implantation, intromission”:

*. . . todos esses verbos com os quais funciona a teoria analítica para descrever os processos psíquicos têm em comum o fato de terem como sujeito o indivíduo em causa: eu projeto, eu denego, eu recalco, eu forcluo etc.*

*O que foi, como no caso de Aristarco,<sup>15</sup> escotomizado? Simplesmente esta descoberta de que o processo vem originalmente do outro. (Laplanche, 1992b, p. 357, tradução minha, grifos do original)*

Como proporei mais tarde, a noção stolleriana de *imprinting* torna-se mais inteligível metapsicologicamente a partir da introdução do conceito de identificação passiva formulado por Ribeiro (2000, 2007) e retomado por Laplanche (2003) ao chamá-lo de “identificação por”. Esse tipo primário de identificação remete à completa passividade da criança diante da sexualidade do adulto nos primeiros momentos de sua existência. Nesse sentido, não se pode dizer “eu me identifico”, mas antes “eu sou identificado”. Voltemos, no entanto, à apresentação do pensamento de Stoller.

Tal *imprinting* faz com que surja, nas crianças de ambos os sexos, uma identificação precoce com a mãe. Embora seja verdade que o primeiro amor de um menino é heterossexual (sua mãe), é também verdade que “há um estágio mais precoce no desenvolvimento da identidade de gênero em que o menino [e também a menina] está fundido com a mãe” (Stoller, 1993, p. 35). Tal fusão ou simbiose determina a posição sexual primária de ambos os sexos, que é a feminina. Tal posição “coloca a menina firmemente no caminho para a feminilidade na idade adulta” (Stoller, 1993, p. 35), enquanto, para o menino, desenha-se um caminho mais tortuoso, e coloca-se o risco permanente de que, em sua “identidade de gênero nuclear”, haja um apelo de retorno ao feminino. Para que o menino conquiste a masculinidade, então, se impõe uma tarefa mais árdua e ansiogênica: des-identificar-se da mãe e erigir uma identidade masculina. A menina também deve, obviamente,

---

15 Aristarco foi um astrônomo grego que viveu entre 310 a.C. e 230 a.C., sendo o primeiro a propor o sistema heliocêntrico.

des-identificar-se da mãe, mas as mudanças a serem feitas no que tange à identidade de gênero não seriam tão drásticas para ela. Tal maneira diversa de enxergar a posição sexual primária nos seres humanos claramente se opõe à concepção freudiana e coloca em xeque a primazia do masculino sobre a qual muito da psicanálise clássica se funda. Em vez da importância dada ao pênis, são os atributos femininos aqueles que a criança mais deseja e, como lembra Flávio Carvalho Ferraz (2008), uma das consequências desse modo de pensar é a ideia de que “os homens, quando em fantasia atribuem um pênis à mulher, não o fazem para negar a inferioridade dela, mas sim a superioridade”. A masculinidade, assim, torna-se defensiva em relação a essa identificação precoce com a feminilidade da mãe.

A identidade de gênero nuclear a que me referi anteriormente é um conceito desenvolvido por Stoller e que designa, de forma sucinta, a “primeira e fundamental sensação de que uma pessoa pertence a seu sexo” (Stoller, 1982, p. 31). Em diversas ocasiões, Stoller (1975, 1978, 1982, 1993) enfatiza que tal núcleo identitário se forma de maneira não conflitual, por meio do *imprinting*, da influência dos pais ao designar um sexo e ao criar a criança, bem como de fatores biológicos. Com a ideia de ausência de conflito, Stoller quer denotar uma espécie de aceitação passiva da criança ante essas forças que atuam na definição de sua identidade. A palavra aceitação, a rigor, estaria errada, pois não existe um Eu suficientemente delimitado que possa querer aceitar ou não. Enfim, Stoller vê no mecanismo de *imprinting* e na designação do sexo da criança pelos pais a expressão de um gênero que, ao menos inicialmente, se formaria de maneira linear, criando o núcleo da identidade de gênero sobre o qual, então, se criariam os conflitos edípicos na edificação da identidade de gênero final. No entanto, tal conceito se torna um pouco confuso quando é relacionado à identificação precoce com a mãe, que, especialmente no caso dos meninos, torna a aquisição de

um núcleo de masculinidade bastante conflituosa. Como dizer que o núcleo de identidade de gênero, nos meninos, é aconflitual se, para conquistá-lo, empreende-se uma angustiante jornada de des-identificação da mãe? Mesmo de uma maneira geral, o fato de que as primeiras vivências de um bebê sejam de extrema passividade diante do *imprinting* e da designação dos pais não significa que não haja conflito. Ao contrário (e aí, mais uma vez, penso que Stoller se beneficiaria muito de um diálogo com a psicanálise francesa), a principal característica do conflito psíquico na psicanálise é o fato de que ele se dá numa temporalidade completamente diferente: a temporalidade do *a posteriori*. O trauma psíquico, pois, se dá em dois tempos, e só pode se configurar a rigor como conflito quando, num segundo momento, alguma mudança faz com que determinadas inscrições se transformem pela aquisição de um significado que não possuíam.<sup>16</sup>

O próprio Stoller (1978), no entanto, se encarrega de mostrar-nos tal contradição inerente ao desenvolvimento da masculinidade: “é somente se o menino . . . puder se separar sem problema da feminilidade de sua mãe que ele terá condições de desenvolver essa identidade de gênero mais tardia – *que não é o núcleo* – que nós chamamos masculinidade” (p. 215, tradução e grifo meus). De qualquer forma, toda pessoa terá uma espécie de núcleo de feminilidade em si, que, no entanto, é muito mais problemático para os homens por entrar em conflito com sua identidade. Stoller postula assim que, se o núcleo da identidade de gênero (ou seja, a certeza de saber-se homem ou mulher) é estável e inerradicável nas mulheres, nos homens ele é instável e edificado sobre um conflito, transportando “sempre com ele a necessidade urgente de regressar ao estado original de união com a mãe” (p. 216, tradução minha).

---

16 No Capítulo 3, proporemos uma hipótese para o surgimento do gênero que contemple a temporalidade do *a posteriori*.



É contra tal necessidade que os homens edificam sua masculinidade, e em relação a ela haverá sempre um sentimento misto de atração e terror à perda de identidade. Stoller chega a comparar tal empuxo ao feminino com o canto das sereias, que cativa e terrorifica os homens que o ouvem.

Tal particularidade na constituição identitária masculina, enfim, tem alto poder explicativo sobre vários fenômenos, desde a maior incidência de perversão e transexualismo nos homens até o maior temor que estes têm da homossexualidade, atingindo até a concretude das manifestações alucinatórias nos casos de psicose:

*Tudo isso pode talvez iluminar as diferenças entre homens e mulheres nas perversões – a ausência de fetichismo cross-dressing [vestir as roupas do sexo oposto] e exibicionismo genital como fonte de excitação genital nas mulheres; as diferenças no modo como os homossexuais homens assistem a suas aberrações em comparação com as mulheres e o modo como a sociedade teme a homossexualidade masculina, e não a feminina; o medo da afeminação em tantos homens e a relativa ausência de um medo correspondente de ser masculina na maioria das mulheres; e a frequência muito menor de acusações alucinatórias de homossexualidade nas psicóticas mulheres em relação aos homens... Mas esses resultados são por demais fortes para serem pautados com segurança no meu pouco material. (Stoller, 1968, pp. 264-265, tradução minha)*

É interessante notar como a teoria de Stoller tem o mérito de conseguir explicar vários fenômenos da masculinidade que até então permaneciam como uma incongruência dentro das teorias do

primado do falo. Metapsicologicamente, no entanto, Stoller deixou várias lacunas abertas, e coube a alguns psicanalistas da atualidade continuar nesse caminho da primazia do feminino no que se refere às identificações e, como veremos, ao próprio surgimento da sexualidade no psiquismo. Com isso não quero dizer que tais autores edificaram suas teorias a partir de Stoller, mas, antes, que seus escritos possibilitaram o entendimento de várias questões que permaneciam em aberto até então.

### *A primazia do masculino ultrapassada: identificação feminina primária e origens femininas da sexualidade*

Foi apenas na década de 1990 que surgiram desenvolvimentos na teoria psicanalítica sobre os gêneros que partissem também da ideia de uma primazia da alteridade. Nesse longo hiato houve, claro, outras colocações e contribuições ao tema, no entanto, nosso recorte teórico neste capítulo inicial tem por objetivo focalizar as concepções que tratam o gênero como um produto de ações exteriores sobre um psiquismo em vias de se consolidar. Não obstante, o gênero como conceito psicanalítico estava em franca decadência devido tanto à alegação feita por alguns autores de que esse era um conceito útil apenas à teoria feminista e à sociologia (cf. Dimen, 2000) quanto à rejeição desse conceito por parte de vários autores da vertente lacaniana.<sup>17</sup>

---

17 Dois exemplos ilustram a posição de alguns desses autores em relação ao gênero: “a antropologia social norte-americana só ia reter e se apropriar do que convinha a seus objetivos, no caso o termo *gênero*, de que ela ia fazer um conceito que lhe permitia atenuar a radicalidade da bipartição sexual pelo apagamento da noção de *sexo*, substituída pela de *gênero*. . . . [O gênero como modo de identificação] rebaixa o sexo ao nível de uma simples característica,



**Como entender, a partir da psicanálise,** a hegemonia e a permanência da lógica binária e hierárquica inerente ao nosso sistema de sexo-gênero se reconhecemos que esta não se funda em uma ordem natural? Teria essa “lógica fálica” uma função defensiva? Qual o custo de mantê-la? Que relações existem entre a rigidez do binarismo de gênero e alguns destinos e sofrimentos típicos das identidades masculinas e femininas, ou até mesmo a misoginia e a transfobia? Lattanzio apresenta uma série de hipóteses – rigorosamente sustentadas – que tentam responder a essas e outras questões igualmente relevantes. Este livro é referência essencial para repensar fenômenos clínicos e novas formas de subjetivação, questionando a normatividade da psicanálise clássica, em diálogo enriquecedor com a filosofia, a antropologia, a arte e a teoria feminista.

– **Deborah Golergant**

série

**PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA**

Coord. **Flávio Ferraz**

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-304-2



9 786555 063042



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

**VEJA NA LOJA**

## **O Lugar do Gênero na Psicanálise**

Metapsicologia, identidade, novas formas  
de subjetivação

---

**Felippe Lattanzio**

ISBN: 9786555063042

Páginas: 318

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2021

Peso: 0.348 kg

---